

2

De Noé para cá, se não temos um com-
puto seguro, temos, ao menos, tradições
mais ou menos certas, que nos dizem
muito da vida humana neste meu
planeta sublimar.

Um dos repositórios, mais antigos e
mais verídicos, dos factos da existen-
cia do homem sobre a terra, é a
Biblia Sagrada.

É, pois, nas Sagradas Letras, que vamos
buscar a condenação do uso immo-
derado das bebidas alcoolicas.

Conta Moysés que Noé, salvo do dilúvio,
devotou-se a agricultura e plantei
uma vinha. Ou porque ignorasse os ef-
feitos entorpecedores do vinho (o que
não podemos crer), ou porque, julgan-
do-se forte de mais, excedesse a justa
medida que a sua natureza com-
portava, o certo é que se embbedou,
aparecendo ni na sua tenda.

Cham, vendo o pai naquelle deploravel estado, longe de usar com elle os deveres que a lei moral impunha a um bom filho, correu a communicar aos outros irmãos o facto escandaloso (a sagrada Escriptura não nos diz, mas podemos supôr), com commentarios pouco dignos da piedade filial.

A consequencia, todos vós sabeis, foi a maldicção lançada por Noé sobre a descendencia do filho irreverente. Poderis objectar-me que não foi o vinho a causa de semelhante maldicção. De accordo. O que, porém, não se pôde negar é que foi elle o seu motivo ou occasião.

Assim, desde a mais remota antiguidade, encontramos o vinho ou as bebidas alcoholicas, produzindo a desarmonia no seio da familia.

O caso de Naboth é tambem mui

to Pyrics, para o momento actual.

Possuia Naboth uma vinha, legado dos seus paes, que despertou cedo a cubice do rei Achab. Como não quizesse alienal-a de si, foi falsamente accusada de haver blasphemado contra Deus e contra o rei e, sob esse falso pretexto, apedrejado e morto.

Ainda é o vinho que, provocando o appetite do rei, causa morte ao indito Naboth.

O verdadeiro sábio, na philosophia estroica, era aquelle que se sobrepunha ás contingencias da vida, o que se concentra-va numa esphera de elevação moral e austeridade tais que lhe não chegavam a atingir os pruridos espathafatos dos appetites e prazeres. Nem em homem singularmente privilegiado, cujo character se formava na mais severa escola da rectidão moral

pôdia conservar inflexível a linha recta da sua conducta, sob a influencia do alcohol e do vinho.

É o Ecclesiastico que o diz: "O vinho e as mulheres fazem apertatar os mesmos sábios, e precipitarão em opprobrios os homens visudos."

Entre os preceitos que o Senhor deu a Aarão, figurava o de não beber vinho, quando tivesse de entrar no seu augustissimo Tabernaculo: "Tu e teus filhos não bebereis vinho, nem coisa que possa embriagar, ao entrardes no tabernaculo do Testemunho para que não morraes, porque este é um preceito eterno para as vossas gerações, e para que tenhames a sciencia de discernir entre o santo e o profano, entre o impuro e o puro, e para que ensineis aos filhos de Israel todas as minhas leis, que o Senhor lhes prescreveu por mão de Moysés."

Notas, amigos, notas bem que Deus assi-
gnou esse preceito com o selo da
eternidade.

Outro episodio da Sagrada Escripura
que nos deixa bem patente a que-
loucuras, pôde conduzir o vinho, é o
que se deu com o rei Balthazar. Bedo
aqui a palavra a Daniel, o interpre-
te das terriveis palavras, que a mão
invisivel escreveu na parede do pa-
lacio real: "O rei Balthazar deu um gran-
de banqueto a mais de mil grandes
da sua corte, e cada um bebia nelle
conforme a sua idade. Estando pois já
bem cheio de vinho, mandou que lhe trou-
xessem os vasos de ouro e de prata
que Nabuchodonozor, seu pai, tinha transpor-
tado ^{do templo} de Jerusalem, para beberem por
elles o rei e os grandes da sua corte,
e as mulheres delles e concubinas. No
mesmo ponto foram trazidos os vasos de

ouro e de prata que tinha transportado do Templo de Jerusalem, e por elles beberam o rei e os grandes da sua corte, as mulheres delle e concubinas."

É da historia do povo judeu, essa historia que conheceis pelo nome de Historia Sagrada, que a punição do Senhor veio tremenda e prompta sobre Balthazar. Com effeito, em consequencia da sua insensatez, naquella mesma noite expiou, com a morte, o peso do seu enorme peccado.

O vinho, senhores, além de outros nefastos effeitos, tem este de fazer as pessoas faltarem ao decóro que devem ás coisas sagradas.

Perdoae-me, senhores, que, abusando de vossa reconhecida fidalguia, vá, mais uma vez, buscar ás Sagradas Letras, outro facto para illustrar a minha presente palestra.

0
É o episódio de Salomé, esse episódio que
o calamo de ouro de Oscar Wilde
elevou às raízes da imortalidade.

Herodes fora publicamente censurado
por S. João Baptista, em razão da sua
vida doméstica irregular.

A voz do que clamava no deserto,
abandonou as vinícolas campinas
da Galiléia e veio cesar no seio das
praças publicas, abalando nos seus ali-
cerces os palácios dos potentados e
príncipes que levavam vida desho-
ra.

João Baptista, senhores, era o homem de
carácter, esse que hoje já se vai tor-
nando raro no seio da nossa es-
ciade. O latego da sua palavra
fustigava inclemente as faces dos
grandes que na purpura escondiam
a vergonha dos seus actos crimi-
nosos.

"Não é licito viver com a mulher do
seu irmão" — era o caustico em braga
applicado á fronte da peccadora He-
rodiades. O seu orgulho todo se revolta-
va á audacia inaudita daquelle
censura insolente.

Estamos em pleno symposium. Os lico-
res, feitos das tamaras do Egypto, enchem
as taças crystallinas. O vinho, espumante
e forte, escorre das amphoras refertas,
transformando os cerebros. O incenso da
Arabia e o nardo da India ardem
suavemente nas caxilas, despidas, es-
palhando, no ambiente, volutas de per-
fumada fumaca, que se vai adel-
gaçando, esfumando, até desaparecer to-
talmente no ar morno. Os tapetes
de Damasco, no exotismo das suas cores,
amortecem os passos. Das vitras, arran-
cam as lampadas dos lustros scin-
tillacões fulvas de ouro. Ci tharas e

guzlas gemem docemente, prooando o re,
ciuto de sons frouxos e molles. O como
amortee as vidas na materia.

A um toque mais animado, em que
todos os instrumentos vibram accords,
um fremito percorre a multidaes dos
convivas:

Sobre o marmore polido, do mais fino la-
vor oriental, dois pombinhos alvos e bulie-
ros, como dois pombinhos enauorados, fariscam
inquietaos, retorcem-se, gyram, tocam de
leve, mal aflooram mesmo a superficie
do marmore, erguem-se, e vaes espalhan-
do o asombro e admiracao no espi-
rito dos espectadores.

Salomé Triumpha.

O seu corpo de sylphide, onde se adivi-
nhavam as linhas exultanaes, descre-
ve no ar circulos irregulares, em mu-
neios felinos de mulher que conhece
todos os segredos da seducçao, o busto

"Não é lícito viver com a mulher do
seu irmão" — era o caustico em brasa
applicado á fronte da peccadora He-
rodiades. O seu orgulho todo se revolta-
va á audacia inaudita daquella
censura insolente.

Estamos em pleno symposium: Os lico-
res, feitos das tamaras do Egypto, enchem
os taças crystallinas. O vinho, espumante
e forte, escorre das amphoras refertas,
transformando os cerebros. O incenso da
Arabia e o nardo da India ardem
suavemente nas casilas douradas, es-
palhando, no ambiente, volutas de per-
fumada fumaça, que se vai adel-
gacando, esfumando, até desaparecer to-
talmente no ar morno. Os tapetes
de Damasco, no extotismo das suas cores,
amortecem os passos. Das vitras, arran-
cam as lampadas dos lustros scin-
tillações fulvas de ouro. Ci tharas e

guzlas gemem docemente, prooando o re,
cinto de sons frouxos e molles. O somno
amortee as vidas na materia.

A um toque mais animado, em que
todos os instrumentos vibram accordes,
um fremito percorre a multidaes dos
convivas. :

Sobre o marmore polido, do mais fino la-
vor oriental, dois jacinthos alvos e bulie-
ros, como dois pombinhos enamorado, fariscam
inquietos, retorcem-se, gyram, tocam de
leve, mal a floram mesmo a superficie
do marmore, erguem-se, e vão espalhan-
do o asombro e a admiracao no spi-
rito dos espectadores.

Salomé Triumpha.

O seu corpo de sylphide, onde se adivi-
nhavam as linhas exculpturas, desce-
ve no ar circulos irregulares, em me-
neios felinos de mulher que conhece
todos os segredos da seduccao, o busto

e lhe arquea ora para um lado ora para outro, ao compasso rythmico dos braços alabastrinos, os olhos Tentadores, como duas corollas de velludo, o collo provocante e sensual, ella prosegue, na sua dança estonteadora e pagã, despertando incendios de paixão no peito da assistencia.

Herodes, no auge do enthusiasmo, ebrio de prazer e de vinho, ergue, entre os dedos, a taça na consagração maxima do que o genio oriental, tão feraz e ao mesmo tempo tão erotico, podia apresentar de perfeito, na arte de Terpsychore: "Pede o que quizeres. Ainda que seja metade do meu reino, te darei, se me pedires."

Sabeis o resto, meus senhores. Nem quero, como dizia o antigo vate lusitano, "gostar palavras em contar estórias". A victima imbelli da insensatez

do monarcha, foi aquelle meoano que um dia a censurara a vista do povo, o meoano que o Senhor escoltera para precursos do seu Divino Filho.

E' da tradicao e e' da Biblia que a exigencia de Saboné, industriada pela mãe, não agradou a Herodes. Não queria perturbar a harmonia daquelle festim com a nota desafinada de um homicidio.

Abas a palavra da Escripura Sagrada não menti: "O vinho e as mulheres fazem apostatar os meoanos sabios, e precipitam em opprobrios os homens siosos".

Demais, sabeis que Herodes, producto hybridos da civilizaçã oriental em competiçã com a licenciosidade romana, estava longe, muito longe meoano de ser o que o Eulseriaticos affirame - um homem sioso.

Por isso, não admira que vol a acced

deses dois omnipotentes irmãos, tenha
 dado a sanção, com o seu veredicto,
 a um crime que o fez alvo da abo-
 rinação da historia.

A velha Hellade, essa Hellade que come-
 çamos a admirar e venerar desde que
 penetramos os atriões da Historia Univer-
 sal, e cuja admiração vai crescendo, au-
 gmentando sempre, à proporção que a-
 vancamos no estudo da literatura
 classica, bem cedo reconheceu os perni-
 ciosos effectos do excessivo uso das
 bebidas alcoholicas.

Lycurgo, esse genio de pensador e refor-
 mador social, emulo de Solon, na legis-
 lação que impoz à Sparta, restrin-
 giu sobremaneira o uso do vinho.
 E vos sabeis o que foi Sparta. O sym-
 bolo da coragem e do esforço, o genio
 emprehendedor e immortal da guerra.
 Na sua escola philosophico-social, en-

119
Tm outros preceitos de ordem hygienica e moral, impoz Pythagoras o preceito da temperança.

O povo grego attribuia a Baccho a descoberta da vidreira. Dahi as celebres festas, em homenagem ao deus, denominadas bacchicas que ficaram tristemente celebres nos fastos da vida hellenica. Nellas, todas as licencias eram permitidas. O vinho derramava as intelligencias, e fannos, satyros e dryades, confundidos em promiscuidade, davam esparros, nos seus dias, a todos os sentimentos baixos de animalidade.

Poderia trazer aqui uma pagina de conhecido escriptor, em que é descrita, na sua realidade, sem exaggero de estylista, uma dessas festas pagãs. Isso, porem, offenderia certamente os vossos brios e pudor de povo christão. Roma, a Roma activa dos cesares e

dos Gracchos, aquella que escreveu, com o
gume das suas espadas, poemas mais du-
radores que o bronze, na phrase de gran-
de Horacio, foi grande, viu o seu presti-
gio augmentar, dia a dia, em quanto
obedeceu aos dictames estrictos da tem-
perança.

A sua decadencia comeca e cada
vez mais se accentua desde que, se-
nhora do mundo, se recolhe aos Tricli-
nios para celebrar com vinho a glo-
ria sem equal das suas armas victo-
riosas.

Longe iam os tempos em que a au-
teridade de Cato dominava alta-
mente, em que as virtudes de Sci-
pião eram o espelho de todos roma-
nos, em que a coragem e devotamen-
to de Horacio Cocles e Lucio Scerle
se impunham á consideração de
todos, numa palavra, em que os

40
apregoadas virtudes romanas eram o
código unico e incontrastavel por quem
os cidadãos partavam a sua vida
particular e publica.

A' Roma de Cincinatos, succede a
de Tiberio, Caligula, Nero, Domiciano e
Caracalla.

O povo não mais se preoccupa com
os interesses nacionais. A sua aspira-
ção unica é Ter o pandulho cheio
e jogos que lhe distraiam o espirito.
"Panem et circenses" - é o pedido que
aflova a todas as boccas, é a consi-
gitação dos anseios e anhelos dos ha-
bitantes da Cidade Eterna.

É facil de prever o desmoronamento
do imperio ao choque bellico de
um povo, como o barbaro, que allia-
va ás virtudes guerreiras da sua
raça, uma educação severa na es-
cola da mais sã frugalidade e tem-

peranca.

É foi o que aconteceu.

Temos visto, senhores, através da História, a decadência a que têm chegado povos e nações com o uso immoderado desse terrível tóxico.

Os seus efeitos na vida individual e familiar não são menos desastrosos.

Desejava que os intemperantes do álcool lessem o conto em que Guy de Maupassant, com aquelle estilo todo o seu, caracterizou a figura do ebrio. Tenho perlustado todas as literaturas, correntes, entre nós, nunca, porém, se me deparou, em todas ellas, coisa que mais me impressionasse. Nem mesmo as extravagancias de Poe.

Certa noite, depois de ter andado ao jogo e ás bebidas, nas tascas bordiezas que frequentava, o personagem

dirigiu-se a casa, bebado como sempre.

Depois de ter batido, sem provelto, à porta do seu lar, resolveu-se a arrombal-a.

Alguns sombros crante que a sua mente, desvaivada pela embriaguez, creara no recesso da imaginação, foi o bastante para que no seu espirito doleu tin germinar logo a suspeita de que a esposa lhe era infiel.

Tactando nos breves, ruminando imprecações de odio e de vingança contra a desgraçada esposa que, apesar dos maus tratos, christamente supportados (vós sabeis que o amor aplana todas as arestas), continuava a dis pensar, ao deito do seu coração, todos os carinhos da sua alma apaixonada.

A mulher, cansada do longo vigi-lic à espera do esposo, dormiu

perança.

É foi o que aconteceu.

Temos visto, senhores, através da História, a decadência a que têm chegado povos e nações com o uso immoderado desse terrível tóxico.

Os seus efeitos na vida individual e familiar não são menos desastrosos.

Desejava que os intemperantes do álcool lessem o conto em que Guy de Maupassant, com aquelle estilo todo o seu, caracterizou a figura do ebrio. Tenho perlustado todas as literaturas, correntes, entre nós, nunca, porém, se me deparou, em todas ellas, coisa que mais me impressionasse. Nem mesmo as extravagancias de Poe.

Certa noite, depois de ter andado ao jogo e ás bebidas, nas tascas bordadas que frequentava, o personagem

dirigiu-se a casa, bebendo como sempre.

Depois de ter batido, sem provelto, à porta do seu lar, resolveu-se a arrombal-a.

Alguuma sombra errante que a sua mente, desvaivada pela embriaguez, cria no recesso da imaginação, foi o bastante para que no seu espirito dessem germinar logo a suspeita de que a esposa lhe era infiel.

Lactando nas bevas, murmurando imprecacões de odio e de vingança contra a desgraçada esposa que, apesar dos maus tratos, christãmente supportados (vós sabeis que o amor aplana todos os arestos), continuava a dis pensar, ao deito do seu coração, todos os carinhos de uma alma apaixonada.

A mulher, cansada de longa vigi-
lia à espera do esposo, dormia

profundamente.

Toma de uma cadeira, vibra, com
força hercúlea, contra ella, golpes
que se vão repetindo incessantemente.
A principio gritos e lamentos ecoam
na escuridão morna. Depois, depois
o silencio pesou lugubre sobre a
indesta alcova.

A luz do dia seguinte, que brincava
no soalho, pintando pequeninos chromos,
os vizinhos encontraram o nosso ho-
mem a dormir calmamente sobre
a massa informe do cadaver de
mulher.

Ahi está, senhores, um quadro negro,
para o qual todo homem que se
embriaga devia ter sempre os olhos
voltados.

Conta uma lenda arabe que o de-
monio appareceu, certo dia, a um
muco e ordenou-lhe, sob pena de

morte que matasse o proprio pai e esbordasse a irmã. Ante a perspectiva de crimes tão hediondos, a piedade filial e o amor fraterno do moço se revoltaram. Matar seu pai, esbordar a irmã, não, nunca o faria. Antes mil vezes morrer.

Persuadido o demônio de que o jovem jamais cometeria semelhantes crimes, muda de tática, propõe-lhe que se embriague. Sabia de antemão o maligno que uma vez embriagado, d'elle conseguiria tudo. E, com effeito, diz-nos a lenda que, sob a influencia da bebida, matou o pai e esbordou a irmã.

O só nome de parricida produz em nós um instinctivo movimento de repulsão.

Matar o nosso pai! Matar aquella creatura sublime que cooperou com

21

Deus na formação da nossa entidade, o anjo custódio que nos guiou os passos infirmes da infância e nos amparou nas quedas da juventude, aquelle que consumiu vigilias á nossa cabeceira, quando a enfermidade nos procurava anelatar aos seus carinhos, é um crime que repugna á consciencia do homem, já não digo o civilizado, mas a daquelle mesmo que vive selvagem, partando os seus actos pelos simples dictames da lei natural.

A figura de Edipo, que a mentalidade de Sophocles gravou no mármore da tragedia grega, tem passado, com justiça, pelos seculos em fóra, coberto da execração de todos os povos. Parricida! Elle foi o assassino do proprio pai! Tenha sido, em breve, um instrumento cego nas mãos da fatalidade.

de, o certo é que o seu crime hedion-
do nos atravessa as camadas mais
íntimas da sensibilidade, impregnan-
do-nos a alma toda de assombro,
rusto e pavor.

Abas o homem, sob a influencia do
alcohol, pode transformar-se, de uma
hora para outro, num parricida. Eu
meditem sobre isto, aquelles que fa-
zem ^{bebidas alcoholicas,} ~~dois~~ ~~usos~~ ~~immoderados.~~

Reconhecer, senhores, que estou abusando
da vossa reconhecida fidelidade. Permit-
ti-ame, todavia, apenas mais um exem-
plo, e terei dado por finda a
minha já longa e exhaustiva pa-
lavra.

Affonso, rei de Aragão, não bebia vi-
nho, e, nas raras vezes, que as conse-
lheiros o obrigavam a isso,
misturava-lhe agua. Perguntado por
um dos seus cortejões, por que assim

fazia, respondeu: "A embriaguez é a
mãe do furor e da lubricidade, e
estes dois vícios devem ser banidos
do coração, bem como dos palácios dos
príncipes."

Ali está, senhores meus, uma magni-
fica resposta, tanto mais digna
e viável, de ser acolhida, porque
tem a prestigial e o nome honrado
de um homem publico.

Bem haja, pois, a cruzada contra o
alcoól, aqui, em tão boa hora, levada
a effecto, sob a iniciativa do Sr. Dr.
Guiz de Direito, contra o alcoól que
bestializa o individuo, contra o alcoól
que destrói a harmonia reinante
nos lares, contra o alcoól que abas-
tarda a raça, contra o alcoól que
amortea e anniquila todos os sur-
tos nobres de engrandecimento e
progresso de um povo.

27
O Brasil, senhores, é um país muito jovem ainda. Não conhece os escombros e ruínas que assignalam grandezas e opulências passadas. O seu olhar se projecta para o futuro, para onde elle caminha, desassombado, a passos de gigante, confiante nos seus destinos.

É mister que, nessa marcha ascensional e vertiginosa, não encontre obstáculos no caminho, é mister que a estrada esteja em condições favoráveis de saneamento e prophylaxia, que lhe permitam o acesso facil ao Capitólio da sua grandeza. É então elle será grande, como grande é o seu territorio, elle então será majestoso como majestoso é o seu Amazonas, então elle será apotheticos como apotheticos é a sua Pátria de Paulo Affonso, deslumbrante como

deslumbrantes são as suas florestas col-
lossais, inmensas como inmensa é
o seu céu sempre azul, minha pala-
vra Terá o destino único e digno de
si.

• Dixi •